

A FALSA ANALOGIA NA ORTOGRAFIA FRANCÊSA

Oswaldo Pinheiro dos Reis.

Universidade do Paraná.

1. INTRODUÇÃO: Desde que me conheço, ouço maldizer a grafia francês. Contra suas "chinoiseries", periodicamente em França, nas colônias e em todo lugar do mundo em que se lêem com prazer Chateaubriand e Verlaine, em que se admiram as idéias políticas de Rousseau, em que se aprecia a sutileza, o brilho e a profundidade do espírito e do "esprit" gaulês, se lhe têm levantado as mais acerbas críticas.

Na França grita-se, ainda em vão, contra a "misère orthographique", que Brunot e Grammont consideram verdadeira calamidade nacional. E Vendryès acrescenta que a ortografia francesa é um pouco melhor do que a dos habitantes do Tibet.

Dêste lado do Oceano, nesta "Guiana literária" da França, como ao Brasil pitorescamente lhe chamou Agripino Grieco, só nos resta fazer côro com estas assertivas.

E nessa ordem de considerações, ocorreu-nos o desejo de perquirir até que ponto a analogia se exerce no complicado e absurdo sistema ortográfico francês. Nasceu-nos a idéia, de uma parte da leitura da tese de Rodrigo de Sá Nogueira sobre os "Subsídios para o estudo da analogia em português", em que se apresentam numerosos casos de assimilação e dissimilação ortográfica; por outra parte, do exame de um boletim de letras da Faculdade de Tolosa no qual se contém a notícia de um memorial de sábios linguistas dirigido à Academia Francêsa, solicitando a reforma da grafia.

2. ESTADO DA QUESTÃO: É uma verdadeira calamidade para a língua francesa ter ela uma grafia ou antes, uma cacografia tão contrária à sua natureza e ao seu gênio. “Não é douta, mas pedante; mais atrapalha que instrui, péssimo guia que é em etimologia”. Nem verdadeiramente francesa, nem verdadeiramente erudita, em muitos pontos absurda, contraditória, feita para embaraçar, desconcertar, transviar o bom senso e a lógica das crianças e dos adultos.

Repousa inteiramente, como afirmou L. Passy, numa “Revolução ortográfica”. No século XII e no XIII, o francês se escrevia de modo racional, mais ou menos como o italiano e o espanhol em nossos dias. Os manuscritos da “Chanson de Roland”, de Chrestien de Troyes, etc., foram vasados numa ortografia que é modêlo de simplicidade e de bom senso; trazem p. ex. **set, dis, vint, ome, fame, oneur, aler, tere, cler, enfans**, o que a cacografia oficial de nossos dias transformou em: **sept, dix, vingt, homme, femme, honneur, aller terre, clair, enfants**. Infelizmente, continua êle, enquanto a Itália e a Espanha conservaram nos seus largos traços a sua ortografia nacional, a nossa foi destruída pela reação greco-latina do XV e XVI séculos.

Importa assinalar que tem havido numerosas tentativas de obviar a tão terrível mal. Reformas periódicas, de que infelizmente muitos franceses não se querem valer, movimentos coletivos entre sábios, como essa petição que tenho sob os olhos assinada por M. Bréal, P. Meyer, G. Paris, L. Havet, Brunot, Clédât para só citar os principais, têm alertado o espírito nacional e conservado acesa a lâmpada da boa doutrina.

“Se não escrevemos mais como no século XVI, comenta Havet, é graças às reformas ortográficas, desta vez razoáveis mas insuficientes. A primeira, radicalíssima, devêmo-la aos movimento da reforma inaugurados pelas “Précieuses” e consagrada pela Academia que reconheceu de fato, nas suas edições de 1740 e 1762, o êrro que cometera no seu primeiro “Dictionnaire”.

3. ANALOGIA: a) em geral:

Trataremos de apurar a parte que a analogia, especialmente a falsa regressão, tomou nos acontecimentos. Silencia-

remos no pormenor, sua natureza e processo. Não pretendemos versar o assunto do ponto de vista técnico, mas pelo lado prático, aqui aplicado à ortografia francesa.

No entanto, queremos delimitar o conceito de analogia, de acôrdo com o nosso assunto. Analogia, na expressão de Gray, ("Foundations of Language"), é a tendência em modificar um som, forma ou palavra para que se amolde a um tipo mais comum que é tomado, sem razão ou com ela, por modêlo.

A sua base reside no mecanismo da 4.^a proporcional, proposto por F. de Saussure e repetido por numerosos bons tratadistas. Traduz êsse sistema, de modo sensível, o fenômeno psíquico da associação de idéias. Sintetizaríamos assim o nosso entender: O espírito da analogia é a **associação**; seu **processo**: a fórmula proporcional consciente ou não, e o **resultado**: a materialização do princípio, no terreno gramatical ou linguístico.

O processo em si é sempre perfeito; seu valor depende do modo como nos valemos dêle. O protótipo ou modêlo, empregado arbitrariamente, dá resultado **considerado** errôneo, de modo geral. Dizemos "de modo geral", porque o conceito "de certo e de errado", por isto que tem cunho antes **social** do que puramente linguístico, está submetido ao despotismo do **uso**.

Nesse caso, temos **falsas analogias** que, como observou Gray, encerram enorme interêsse linguístico.

Pesquisas sôbre a influência da analogia na fonética, na morfologia, e na sintaxe, se nos depararam numerosas e proficientes. Bem por isso é que, na enorme aluvião dos estudos já realizados nesses assuntos, atrevidamente escolhemos um que nos pudesse dar margem a trabalho mais ou menos pessoal, para evitar de ser mero compilador de vasto material dissecado por espíritos brilhantes e já consagrados nesse ramo do saber humano.

b) Falsa analogia na ortografia francesa

Nosso propósito não consiste em investigar os **resultados** ortográficos de analogias exercidas sôbre a fonética, morfologia, etc. Claro é que essas modificações acarretaram novas fórmulas que obrigaram a grafias diferentes. Por exemplo: por influência de **trouvons**, **trouve**, escrevemos **trouve** e não **treuve**, como a

fonética o está a exigir. Outros exemplos poderia alinhar, no que tange a morfologia e a sintaxe e que deixo de fazer por amor à brevidade.

O que pretendemos é demonstrar, na ortografia francesa, **causas** e **casos**, de:

- 1) **falsa analogia**: baseada em modelos errôneos. Por exemplo: **sçavoir** baseado em **scire**, em vez de **sapere** (lat. vulg.).
- 2) baseada em modelos certos:
Por exemplo: **belle** (**bele**), baseado em **bella**, forma certa, mas que já evoluira para **bele**.

No fundo da questão, lobrigamos sempre o êrro do modelo por ser completamente outro, como no primeiro caso; por já não ser mais paradigma o original, senão que outro termo já evoluído.

- 3) falta de analogia entre palavras bem derivadas e mal derivadas ou reconstituídas: por exemplo: **doigt** (<**digitum**) com **g** e **froid** (<**frigidum**), sem **g**.

Uma assimilação dessas formas, tornaria a ortografia francesa mais racional. É interessante observar que o **g** foi reintroduzido em **doigt** e não em **froid**. Por quê? “Digam os sábios da Escritura...”

4. CAUSAS: Trataremos agora de apontar algumas causas desses fenômenos:

A — **Falta de conhecimentos linguísticos e vêzo etimológico.**

Na evolução espontânea da linguagem, certos fonemas latinos tinham caído, outros se tinham transformado; tais perdas e tais transformações resultavam das leis essenciais do francês; reagindo contra essa lei, perpetraram-se numerosos **barbarismos**:

- 1) **Ele** e **bele** são verdadeiras palavras francêsas, que representam exatamente **illa** e **bella**, porque é lei fonética essencial daquela língua, reduzir a um **I** os dois **II** latinos. **Elle** e **belle** são barbarismos **escritos**; se os dois **II** forem pronunciados, serão barbarismos **falados**.

2) Lastimável, diz Dauzat ("Vie du Langage", pg. 269), essa reintrodução nas palavras, de sons, que nunca nelas existiram. **Lais** foi muito tempo, escrito **legs** sem mudar de pronúncia, até o dia em que fizeram soar o **g**, o que foi pior.

3) Muitos dizem hoje, continua o mestre, **dompeter**, sem duvidar que o **p** é adventício e que **dompeter** (outrora escrito **donter**) vem do latim **domitare** e só recebeu o **p** por um "embelezamento" ortográfico, sob provável influência de **compter**.

4) Darmesteter queixava-se de ter ouvido pronunciar **compter**, fazendo ouvir o **p**. Esse abuso é ainda raro; mas pronuncia-se já correntemente **domp'ter** nas regiões meridionais de França, segundo o testemunho de L. Couture, decano da Faculdade Livre de Letras de Tolosa. De modo que, mais rapidamente do que pensamos, passou a palavra a barbarismo integral: escrito e falado !

Aqui, a Academia Francêsa prendeu-se à antiga ortografia francêsa, aceita pelas pessoas ilustradas "parce qu'elle ayde à faire connoistre l'origine des mots". Ainda não se falava em leis fonéticas...

Também não se pode silenciar a influência helenizante dos escritores renascentistas e dos humanistas francêses do séc. XVI que se reflete em grafias mirabolantes. Por ex., o uso imoderado do **y** em **roy**, **celuy**, **j'appeleray**, etc. e até de outras letras do alfabeto grego, como se vê nas transcrições de nomes próprios *Philoxerδης*, *Philochρηματος* e outros que lemos em excertos do "Projet du livre de la précellence du langage françois", publicado em 1579 por Henri Estienne.

O próprio título dêsse "Projet" indica a preocupação do autor de exaltar os méritos da língua francêsa, o que o arrastara a escrever, em 1565, uma obra, destituída de qualquer valor filológico, o "Traité de la conformité du langage françois avec le grec", baseado no postulado, então corrente, de que a língua grega era das mais perfeitas do mundo.

B — Ausência absoluta de regras.

A ortografia francêsa é o arbitrário erigido em lei, por um paradoxo interessante. Se hesitarmos numa palavra e tivermos a

infelicidade de recorrer à razão ou à analogia, estaremos quase certos de nos equivocarmos. “Não há analogia alguma que seja regularmente seguida”, afirma Darmesteter. E continua: “Nenhuma regra geral que não seja contraditada por algum capricho particular”.

Com efeito:

1) Escreve-se **apercevoir** e **appeler**; **annuler** e **anéantir**; **abattre** e **abatis**; **consonance** e **assonance**; **grand-pères** e **grand-mères**; **doigt** (< **digitum**) e **froid** (< **frigidum**); **vingt** (< **viginti**) e **trente** (< **triginta**); **puits** e **puiser**; **huile**, **huître** e **huis** (< **olea**, **ostrea**, **ostium**) e **avoir**, **on**, **orge** (< **habere**, **homo**, e **hor-dea**).

2) Escreve-se ainda **respect** ao lado de **respecter** e **contrat**, de **contracter**.

3) **Dessin** e **dessein**, **conter** e **compter**, **affaité** e **affecté**, **repaire** e **repère**; entretanto são as mesmas palavras, com diferenças semânticas acarretadas pela escrita.

4) **Laisser** tem por derivado **lais** ou **lès**, que se escreve **legs**.

Essas dificuldades não se circunscrevem aos ignorantes. Até os doutos, os filólogos, se sentem desnorteados com os absurdos. “Não consigo lembrar-me, afirma L. Havet, se se escreve **verroux** como **genoux**, ou **verrous** como **trous**...”

C — Pedantismo

A ortografia francesa, repito aqui as palavras de L. Couture, não é científica mas pedante, atrapalha mais do que instrui, é péssimo guia em etimologia.

Os pedantes do século 16 e 17 que intrometeram nas palavras francesas tantas letras parasitas, tomadas de empréstimo ao latim, caíram em manifestos absurdos. Tal modo de agir reflete um estado de espírito que se pode perceber por essa anedota: “Dizia, em certa ocasião, uma senhora francesa a um partidário da reforma ortográfica:

— Nunca o senhor me convencerá de concordar com seu parecer para eu chegar a escrever como minha cozinheira.

— Sua cozinheira, retrucou o reformista, escreve **sem** regras e **contra** as regras. O que queremos é permitir as cozinheiras de escreverem como sua patroas. Haverá algum mal nisso? ”

1) Os pedantes escreveram **sçavoir**, em vez de **savoir**, julgando que a palavra vinha de **scire**, quando a verdade é que seu étimo é **sapēre**. Felizmente mais tarde rejeitaram o **ç**.

2) Mas conservaram outras tolices, como **poids** (ant. fr. **pois**), cujo **d** se explica por **pondus**, quando a vera etimologia é **pe(n)sum**.

3) Também **lacs** (< **laqueos**), como se proviesse de **lacier** e **legs**, ant. fr. **les**, (< **lessier**) e não de **lego**.

A própria Academia, fazendo-se eco dos tradicionalistas e pedantes, contribuiu para consagrar essas tolices pretensiosas. “A Companhia declara, escreveu Mazérai, nos “Cahiers de remarques sur l’ortographe françoise” (1675), que deseja seguir a antiga ortografia, que distigue “les gens de lettres” (a pretensão de ser **homme de lettres** vem de longe. . .) dos ignorantes ou mulheres simples. . .”

Acrescente-se a isso, o apêgo a um tradicionalismo ferrenho a que se opõe o bom senso de uma reforma ortográfica que racionalizasse a grafia do francês. Ainda há pouco, em 1950, uma comissão de especialistas foi encarregada, pelo Conselho Superior da Educação Nacional, de estudar uma simplificação. O relatório (1) da aludida comissão foi combatido por alguns es-

(1) A título de informação, transcrevemos aqui os principais tópicos da nova reforma, como foram publicados no “O Diário” de Belo Horizonte em 8/8/52:

“O relatório já foi entregue e seus pontos principais resumem-se em nove grupos de modificação de grafia francesa. Exemplificaremos os casos com duas palavras-tipos de cada grupo:

- 1 — anée, flame — e não: année, flamme;
- 2 — doit, sculteur — e não: doigt, sculpteur;
- 3 — rumatisme, tème — e não: rhumatisme, thème;
- 4 — filolojie, fotografie — e não: philologie, photographie;
- 5 — analyse, mistère — e não: analyse, mystère;
- 6 — eaus, heureux — e não: eaux, heureux;
- 7 — différant, présidant — e não: différent, président;
- 8 — abéie, beuf — e não: abbaye, boeuf;
- 9 — jénie, jéografie — e não: génie, géographie.

Em resumo, há supressão das consoantes dobradas, conservadas apenas em certas palavras formadas com prefixos: **hissible**; supressão das consoantes

critores de renome da França com argumentos desta espécie: “É preciso seguir o costume e não violentar a ortografia” (André Maurois).

“É uma reforma estúpida. Já era bastante difícil! Se fôr preciso agora aprender a cometer novos erros de ortografia, será um nunca acabar!” (René Laporte).

“Sou contra uma reforma. Os grandes escritores cometiam erros de ortografia”; e cita o caso de Barrès. (Paul Vialar).

D — O interesse monetário dos escribas.

O sistema judiciário da Idade Média exigia bom número de escrevães — “practiciens” — pessoas versadas no idioma latino por profissão. Segundo Guilebert de Metz: “Len souloit estimer à Paris plus de soixante mille scripouains”.

O pagamento dêsses copistas, feito na base do número de linhas, aguçava-lhes a cobiça: seu interesse consistia em alongar as palavras o mais possível.

Sorel atesta que o costume se continuou até o séc. 17: “L'avocat faisoit des écritures où il ne mettoit que deux mots en une ligne pour gagner davantage”. Além disso, usavam de uma ortografia pejada de letras inúteis. Os primeiros impressores adotaram o sistema e o difundiram (Pope — “From Latin to modern French”).

E — A necessidade de clareza.

A distinção dos homônimos pode ser apontada como motivo de reintrodução de letras latinas. Interessante notar êsse fato na escrita, quando na pronúncia a língua não apresenta tão grandes escrúpulos. Que diferença fonética entre **seau**, **sot**, **sceau**?

Muitas vêzes as leis fonéticas, atuando sôbre palavras diversas na origem, condu-las a uma forma única, detentora do sentido das que lhe deram a existência. É um regresso às fontes.

mudas; redução de grupos consontais, como **rh** e **th** para **r** e **t**; substituição do **ph** por **f**; substituição do **y** por **i**; substituição do **x**, por **s** final, também para significar sinal de plural; substituição de **ent** e **ence** em adjetivos e nomes verbais por **ant** e **ance**; substituição do **g** por **j** e outras mais”.

É esta uma reforma violenta e estúpida, como vêem...

A clareza porém exige a diferenciação dessas formas.

Assim no séc. 13: **Mes** (< **magis, missos, meos**) foi diferenciado em: **mais** de **magis**; **mets** de **missos**; ficando **mes** como sucedâneo exclusivo de **meos**.

Do mesmo modo: **Fes** passou a **fais** (< **facis**); **faictz** (< **factos**; e **faix** de (< **fascem**).

(Exemplos de Pope, op. cit. pg. 282).

F — A atracção paronímica

Segundo A. Dauzat, a atracção paronímica é um tipo de formação **popular**; nisto muito se diferencia da falsa regressão, tal como a estudamos, a qual se caracterizava por sua origem **erudita**.

Outro carácter que o eminente filólogo lhe aponta é a **inconsiência**, nota ainda dissidente no confronto que estabelecemos.

Assim, a atracção paronímica se fez fenómeno importante como elemento perturbador da evolução da língua, particularmente, como veremos, da sua grafia.

O fenómeno se explica pelas mesmas causas que comumente se atribuem à analogia verdadeira ou falsa, como sejam: falsas assimilações semânticas ou sônicas entre os vocábulos; aproximações apenas sonoras; semelhança de estrutura entre as palavras, produzindo etimologias populares; de modo geral, predominância dos termos mais frequentes, mais usuais, mais expressivos sobre as palavras isoladas, os arcaísmos, os empréstimos e os termos eruditos.

Daí as duas divisões seguintes: Efeitos da sinonímia e da homofonia e ação da homofonia isoladamente.

Eis alguns exemplos de sinonímia e homofonia, isto é, de falsas analogias provenientes da confusão entre palavras de sentidos e de son afins:

DOMMAGE: "dano, perda". Do lat. **damnum** temos a forma arc. **dam**: "Danz i fud granz", (S. Léger, séc. X) e a forma **damage**; (cp. o ingl. **damage**): "Des Francs barons i ad mult grand damage" (Ch. Rol., séc. XI). Posteriormente, **damage**.

A forma moderna **dommage** só se explica por uma falsa analogia com **dom** do lat. **domnum**.

ECHANTILLON: “amostra”. Deriva êsse vocábulo remotamente do lat. **scandere**, que sugere portanto **échandillon** (cp. prov: **escandilh**, it: **secandaglio**): “Se li noviaus talemelier pert son eschandillon”. E. Boileau, séc. XIII). A alteração se deu por influxo de **chant**, **chanteau**, “pedaço, naco”.

EPANOUIR: “abrir, alargar”. O verbo germânico **spannjan** “afastar, estender” deu o arc. **espanir** que encontramos nos dois sentidos em Aucassin et Nicolette e nas crônicas de Froissart. Eis respectivamente dois textos: “Et vit la rose espanie” (séc. XII) e “Les françoys estoient tous espanis, car riens ne leur venoit du royaume de France” (séc. XIV). Tornou-se o verbo em **espanoir**, depois em **épanouir**, sob influência de **évanouir**.

EPIEU: “chuço”. Empréstimo germânico **speot** ou franco **speut** donde **espriet**, **épriet**: “Je l’oricaï a mon espriet trenchant” (Ch. Rol., séc. XI). A forma usual é o resultado de uma falsa analogia com a palavra **pieu** “moirão”, de sentido e forma semelhantes.

ESTACADE: “estacada. palissada”. Do it. **steccata**. Por confusão com o radical de **attaquer**, **attaque**, a palavra se tornou de **estacade** em **estocade** e até **estotocade** sob a ação de **estoc** (cp. port. **estocada**): “Bon ente en bon estoc deit bien fructifier” (séc. XII).

GLISSER: “escorregar”. Ant. fr. **glier**, **glicier**: “Les larmes des iex gliier” (Mir. de S. Eloi, séc. XIII). A transformação de **glier** em **glisser** se explica pela sua semelhança com o verbo **glacer** (ant. **glacier**).

GRAS: “gordo”. Do lat. **crassum**. Tornou-se **gras** sob influência de **gros**. **Cras**, ant. que encontramos no “Roman de Tristan”: “Mot par out bel cheval et cras” (séc. XIII), persiste hoje apenas como forma dialetal. Dauzat afirma que a assimilação se realizou dentro do latim, enquanto Darmesteter pretende que foi no francês...

GROGNER: “grunhir”. No ant. fr. **gronir** do lat. **grunnire** ou, como querem outros, **gruniare**, forma hipotética que por si o

valor de explicar **grogner**, sem necessidade de recursos a falsas analogias. Mas, como a primeira etimologia é a mais provável, devemos admitir a segunda hipótese de uma aproximação mórfica com **grigner**, de sentido semelhante: "N'aveit breit ne groni ne crié ne huchié" (séc. XII).

HAUT: "alto". O **h** que enfeita esta palavra provém de remota assimilação do lat. **altum** com o germânico **hoh** (mod. al. **hoch**) de que resultou a forma latina hipotética **haltum**, ant. fr. **halt**: "Fut la pulcele de molt halt parentet". (S. Alexis, séc. XI). Compare-se com as outras formas românicas, tôdas elas desprovidas do **h**.

Outros exemplos, colhidos no dicionário de Hatzfeld e Darmesteter, dos quais omitimos a competente explicação, por não nos alongarmos demasiadamente:

Conréer, transformado em **Congréer**, "engajar" (naut.), por atração com **gréer**.

Démandibuler — **Démantibuler** "quebrar" (os queixos) — **Démanteller** "desmantelar".

Eschiqueté — **Echiqueté** "enxadrezado" — **Déchiqueté** "retalhado".

Escarbouiller — **Escrabouiller** "esmagar" (pop.) — **Ecraser** "esmagar".

Grédiller — **Grésiller** "granizar" — **Grésiller** — idem.

Houvari — **Boulevari** "arruaça" (pop.) — **Bouleverser** "perturbar".

Lemignon — **Lumignon** "pavio" (de vela) — **Lumière** "luz".

Maisséler — **Machelier** "queixal" (dente) — **Machoire** "maxilar".

5 — CONSEQUÊNCIAS:

Passemos rapidamente a algumas considerações sobre certas consequências de tão incômodo estado de cousas. Assinalamos:

A — Prejuízos para a expansão da língua.

Com êsse "brouillamini" de ortografia, há muita gente que desiste de estudar francês. Como aquêle italiano, que pretendeu

aprender inglês: “Diante do alfabeto da primeira página da gramática, pensei estar em país de gente. Mas na primeira explicação... começa-se por **a**, é bem verdade, mas escreve-se **a**, soletra-se **é** e pronuncia-se **o**. “Basta così”.

Nos países de colonização francesa, poderia a língua — primeiro fator de tal mister — sentir-se muito inferiorizada, em face de um concorrente perigoso e astuto, cuja língua tivesse ortografia mais racional. “Un Tunisien aura plutôt d'apprendre l'Italien que le Français”, dizia alguém, “car l'ortographe italienne est plus simple encore”.

B — A má caligrafia.

Desnorteados, o sábio e o ignorante em presença de tão calamitosa situação, escreverão mal ambos: um na ortografia, outro na letra. A situação não lhe permitindo pesquisas aprofundadas e as vezes inúteis, levará o erudito ou o que devera sê-lo, a esconder sob os traços de uma caligrafia infame seus vícios de escrita e suas dúvidas de grafia ou a entregar a questão ortográfica às mãos dos linotipistas.

Que assim o é, nô-lo atesta a história. Sabe-se que Napoleão escrevia ilegivelmente para dissimular seus erros e Vitor Hugo deixava a cargo dos revisores dobrar ou não as consoantes.

C — Os barbarismos.

Já a êle nos referimos. Falamos dos gráficos e dos prosódicos. Vamos limitar-nos agora aos gráficos da língua antiga e moderna; apoiados na lição de Pope. (op. cit. pg. 281).

Todos êles provenientes da deliberada intensão de relacionar o francês com o latim.

a) **Consoantes** — Desaparecidas por assimilação ou vocalização foram reintroduzidas:

1 — **L** vocalizado: **aalter, aux, doulce, eulx**, etc.

2 — Labial + dental: **accepter, compte, escrit, sept, doubte, absoudre, obvier**, etc.

3 — A velar palatizada ou desaparecida: **craincte, faict, poinct, doigt, vingt**. etc.

4 — Dental desaparecida: **advenir, adventure, nid, noeud, nud, pied**, etc.

5 — **S e z** substituídos por **x**: **paix, moix, six, voix, dix**, etc.

6 — Dupla consoante simplificada: **abbé, belle, mettre**, etc.

b) **Vogais** — As vogais latinas foram restauradas e a escrita alterada para se tornar mais aproximadas das formas latinas. Palsgrave escreve: **creille, hobreau, poure, toreau**, mas R. Estienne dá alternativas: **aureille: oreille; haubereau: auberau; tau-reau: toreau**, e acrescenta para **pauvre**: “Aucuns escrivent **pauvre** pour ce qu’il vient de **pauper**”.

A tradicional escrita, **ele (esle), cler, per, rere, brese**, foi transformado em **aile, clair, pair, raire, braise**.

Alguns destes barbarismos não são frequentes tão só entre as crianças das escolas para as quais o ensino da língua se torna tão complexo. Mas até para os adultos. Creio que somente em revistas francêsas se pode encontrar avisos como este:

“Vous faites des fautes d’orthographe —
Vous y remédieriez vite grâce aux cours par correspondance de l’IPO, spécialiste de l’orthographe. Sa méthode, inédite, adaptée à chaque cas par professeurs diplômés, assure le succès à tout âge. Belles et authentiques références. Demandez l’envoi discret et grat. de la notice 4.

Institut Pratique D’Orthographe”

19. Avenue Hoche, Paris — publicado em
“Constellation” n.º 18 — Outubro 1949. Sem comentários...

6) — **CONCLUSÕES:**

A título de conclusão, apontamos estes conceitos:

1) A ortografia francêsa, quase tãda refeita na base do latim, é portanto, uma **ortografia de fundo falsamente analógico** e, por isso mesmo, artificial. Contrária ao gênio da língua (“ce qui n’est pas clair n’est pas français”) e à natureza.

2) A história da língua e seus documentos antigos demonstram, à saciedade, que a aplicação das **leis fonéticas** derrubou umas letras, transformou outros. A cacografia atual, fazendo tá-

bua rasa dessas leis, remontou as origens e anulou, por uma **analogia visual** e escrava da forma escrita, boa parte da evolução da língua e criou uma série de **barbarismos** gráficos (alguns já falados), hoje infelizmente reconhecidos pelo **uso**.

3) Essa ortografia pedante é **hostil aos bons estudos linguísticos**; não é verdadeiramente francesa, nem verdadeiramente científica.

4) No fundo do problema está ainda o **desejo dos escribas de latinizarem** e a sua ignorância da evolução fonética. Sôbre o atraso linguístico, veio enxertar-se a vontade inconsciente ou consciente de aproximar o francês do latim e até do grego havidos, na Idade Média, por línguas perfeitas, dignas portanto de vassalagem.

5) A **superstição da língua escrita** criou, a até hoje uma tradição ferrenha conserva essa multidão de **formas semi-eruditas**, verdadeiros casos teratológicos vocabulares, que nenhuma terapêutica pôde debelar.

6) Se não nos coubesse o provérbio — “medice, sana teipsum” — e se não fôsse desairoso querer pôr ordem em casa alheia quando a própria está em absoluta desorganização, emitiríamos o voto de que uma reforma, nos bons moldes, viesse sanar todos os inconvenientes da ortografia de uma língua, cuja cultura é fonte de inspiração universal de todos os povos adiantados do mundo.

Para terminar, deixamos aqui lavrado o dito de Carlos de Orléans que bem sintetiza tôdas as deficiências dêste trabalho:

“Petit mercier, petit panier . . .” E é só . . .

